



**“Memórias
Póstumas de Brás
Cubas” e a
representação
crítica do
processo de
modernização
tecnológica
brasileira**

Bárbara Del Rio Araújo¹

Débora Ribeiro²

Mariana Franco Barbosa³

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora efetiva de Literatura do CEFET-MG.

E-mail: barbaradelrio@contagem.cefetmg.br

² Bolsista PIBIC-JR CEFET/MG Voluntária.

E-mail: deboracam01@gmail.com

³ Bolsista PIBIC-JR CEFET/MG FAPEMIG.

E-mail: marianafrancobarbos@hotmail.com

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas and
the critic
representation of
Brazilian
technological
modernization
process*

Resumo:

O trabalho busca analisar o procedimento estético do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881 por Machado de Assis, evidenciando, através do conceito de “redução estrutural”, o processo da modernização e inserção tecnológica brasileira. Tal processo pode ser explicado pela própria configuração histórica nacional, sobretudo a dinâmica da sociedade do século XIX, pautada nas relações de favor, interesse e aparência. Constatou-se que a literatura machadiana, como um fenômeno cultural brasileiro, proporcionou, através do objeto estético, o conhecimento da realidade e as suas possibilidades de transformação.

Palavras-chave: Literatura e Sociedade, Mediação formal, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Abstract:

This paper aims analyze *Memórias Póstumas de Brás Cubas* aesthetic procedure, published in 1881 by Machado de Assis, evidencing throughout “redução estrutural” concept, the modernization and Brazilian technologic insertion process. This process can be explained by our own national historic configuration, mainly the dynamic from the XIX century society, regulated by favour, interests and appearance relations. It was checked that machadiana literature, like a Brazilian cultural phenomenon, enables, by the aesthetic object, the reality knowledge and its transformation possibilities.

Keywords: Literature e Society, Formal Mediation, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Introdução

Antônio Cândido, por meio do seu livro *Literatura e Sociedade*, nos mostra sobre a análise estética da obra literária em conjunto com o momento histórico, demonstrando a relação dialética existente entre a arte e o meio social. Nesse sentido, é importante ressaltar que o estudo de uma obra não está vinculado somente com a questão empírica; a Sociologia e a Filosofia ajudam a esclarecer alguns desses aspectos, mas não explicam o fenômeno artístico completamente, sendo apenas alguns dos instrumentos de orientação do fato literário. Segundo Cândido, quando se restringe a análise às áreas sociológicas e filosóficas, há um simplismo à interpretação da obra literária. Tal interdisciplinaridade é importante, mas

O primeiro cuidado em nossos dias é, portanto, delimitar os campos e fazer sentir que a sociologia não passa, neste caso de disciplina auxiliar; não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos. (CÂNDIDO, 2000, p. 28).

A literatura tem uma série de conceitos e formulações como instrumento, fugindo ao máximo de achismos e julgamentos leigos. Necessário é investir no diálogo dessa disciplina específica com as áreas de conhecimento afins. Temos, então, o conceito de “redução estrutural”, cunhado por Antônio Cândido, que analisou os aspectos que se transfiguram da realidade para a obra a partir do seu conteúdo e a sua forma. De acordo com Cândido, redução estrutural é “[...] O processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo.” (CÂNDIDO, 2000, p. 9).

Nesse aspecto, embasado em questões estéticas, históricas e sociológicas, a obra deve ser estudada pelo seu conteúdo e forma “[...] lembrando que os valores e ideologias contribuem principalmente para o *conteúdo*, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na *forma*” (CÂNDIDO, 2000, p.40). A forma é responsável por organizar o conteúdo e oferecer o caráter realista na ficção. Assim, a forma literária é a reorganização da realidade na estrutura literária, o que não significa a representação fiel dos pormenores da vida social, mas o modo como esse material é engendrado em seu interior. Sendo assim, a forma é uma ferramenta utilizada pelo autor para organizar características realistas da vida social e representá-las dentro da obra literária:

A junção de romance e sociedade se faz através da forma. Esta é entendida como um princípio mediador que organiza em profundidade os dados da ficção e da realidade, sendo parte dos dois planos. (...) Trata-se de uma teoria enfática do realismo literário e da realidade social enquanto formada. Nesta concepção, a forma do romance comporta, entre outros elementos, a incorporação de uma forma de vida real, que será acionada no campo da imaginação. (SCHWARZ, 1987, p. 141)

O romance moderno é capaz de representar a sociedade moderna em todos os seus aspectos; ele mais expressa e expõe, através da forma e conteúdo, as relações entre a sociedade e a literatura moderna. O método narrativo utilizado pelo romance para incorporar a representação da realidade se chama *Realismo formal*:

O método narrativo pelo qual o romance incorpora essa visão circunstancial da vida pode ser chamado seu realismo formal; formal porque aqui o termo 'realismo' não se refere a nenhuma doutrina ou propósito literário específico, mas apenas a um conjunto de procedimentos narrativos que se encontram tão comumente no romance e tão raramente em outros gêneros literários que podem ser considerados típicos dessa forma (WATT, 1990, p. 31).

O romance realista caracteriza-se pela transfiguração da sociedade e do sistema que a rege utilizando como ferramenta a forma, segundo Faoro: "A ficção não reflete a realidade nem a reproduz no espelho; ela a critica, a combate, a denigre." (FAORO, apud WAIZBORT, 2007, p. 17). O realismo utiliza a forma para expor a degradação da sociedade, não se tratando de uma transcrição exata, mas sim de uma transmutação de um problema, que é filtrado pelas ideias do autor, para a obra. Para exemplificar isso podemos utilizar o realismo machadiano:

Precisamente o realismo peculiar de Machado, que não é a realidade tal qual a história e a sociologia, boas irmãs que são, mas sim uma iluminação desta realidade: não o espelho que simplesmente reflete, mas a lâmpada que deforma. (WAIZBORT, 2007, p. 21)

É importante destacar que cada local possui uma realidade diferente caracterizada pelo seu processo histórico e pela formação de sua sociedade. Devido a isso pode-se dizer então que existem diferentes tipos de realismo que se adequam a cada especificidade de determinado tempo histórico e social.

Sidney Chalhoub, em sua obra *Machado de Assis: historiador*, buscou mostrar como a obra estética do escritor fluminense consegue captar o funcionamento histórico, sendo o escritor uma espécie de historiador das letras. Assim, Machado é visto como interdisciplinar e realista por conseguir pela narrativa explicar, especular sobre o sentido do fenômeno e do processo histórico nacional. Especialmente em reação a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é possível perceber através da vontade e expressão do protagonista o funcionamento da sociedade à sua volta. A humilhação e o capricho é capaz de mostrar como seu poderio de classe constrói o domínio paternalista típico da sociedade brasileira. Interessante é que Chalhoub trabalha isso a partir da figura alegórica do nariz, mostrando como a argumentação de Brás serve para a sublimação e contemplação do universo e, sobretudo manutenção da classe. O estudioso, através do "nariz paternalista", discute como Brás revela o apadrinhamento, o apego a privilégios pretendendo adequar a ideologia de dominação a modernização corrente.

14 Memórias Póstumas de Brás Cubas e a representação crítica do processo de modernização tecnológica brasileira

Assim, o realismo brasileiro demonstra a realidade de uma nação historicamente atrasada que sempre assimila as conquistas ideológicas dos países desenvolvidos da maneira possível, e expõe uma desigualdade do sistema evidenciando sempre um desajuste em relação às necessidades e às políticas externas, segundo Schwarz: “Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias européias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura.” (SCHWARZ, apud WAIZBORT, 2007, p. 40). Deste modo, a sociedade brasileira se organiza de maneira a priorizar a perspectiva e mediação do favor e da aparência, diferentemente da Europa que tem como matéria matriz do capitalismo o dinheiro:

O favor é a nossa mediação quase universal- sendo mais simpática que o nexo escravista, a outra relação que a colônia nos legara, é compreensível que os escritores tenham baseado nele a sua interpretação do Brasil, involuntariamente disfarçando a violência, que sempre reinou na esfera da produção. (SCHWARZ apud WAIZBORT, 2007, p. 41).

Os romances do escritor Machado de Assis possuem uma característica própria marcada pelo seu moralismo em que ele critica o sistema e a sociedade degradada em que vivemos, utilizando a ironia como principal ferramenta. Desse modo, o autor analisa a sociedade brasileira e seus valores burgueses representando-os de formas diversas, inclusive com anti realismo, através da figura de um autor defunto, dentro da obra. Assim, o que se percebe é que “há em Machado mais do que simples inventário: há invenção. E esta inventividade de romancista permitiu-lhe seguir, graças à mobilidade do seu olhar, os movimentos públicos ou íntimos de personagens”. (BOSI, 1999, p. 13)

Memórias Póstumas de Brás Cubas e a memória nacional

Memórias Póstumas de Brás Cubas tem como narrador um defunto autor que conta a história de sua vida. A condição de defunto proporciona ao personagem descrever sua trajetória da maneira que bem entende o que caracteriza a volubilidade do personagem, que age da maneira que lhe for mais conveniente durante as diversas situações apresentadas na obra. Brás Cubas é um personagem burguês do século XIX que goza da sua posição e seus privilégios, assim como toda essa classe caracterizada no livro. O escritor critica por meio da ironia e da volubilidade do comportamento do narrador o princípio da modernização conservadora e a continuação dos pressupostos e características coloniais na sociedade novecentista brasileira. Para mostrar e exemplificar esse atraso analisou-se a estética e o conteúdo da obra machadiana, que relata o comportamento e a preocupação de uma burguesia nacional para implantar avanços tecnológicos na sociedade, mas ainda mantendo um caráter atrasado por meio das relações de cordialidade.

Desenvolveu-se no país um processo de modernização específico pautado em uma ideia de modernização parcial, de fachada, só a casca (epidérmica) ligada ao

conservadorismo. Tal fenômeno pode ser evidenciado por uma passagem do capítulo “Bacharelo-me”, ao qual Brás evidencia como sua formação acadêmica se deu de forma superficial e somente parecia conhecer e estudar os conteúdos com afinco:

Um grande futuro? Talvez naturalista, literato, arqueólogo, banqueiro, político ou até bispo, — bispo que fosse, — uma vez que fosse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior. A ambição, dado que fosse águia, quebrou nessa ocasião o ovo, e desvendou a pupila fulva e penetrante. Adeus, amores! adeus, Marcela! dias de delírio, jóias sem preço, vida sem regime, adeus. Cá me vou às fadigas e à glória; deixo-vos com as calcinhas da primeira idade. E foi assim que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A universidade esperava-me com as suas matérias áruas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; derramo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, -principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. (ASSIS, 1998, p. 22).

A volubilidade do narrador é extrema e evidencia como seu comportamento está sempre ligado a procura da obtenção de seus próprios lucros e interesses. Tal fato é explicitamente demonstrado quando Brás decide criar um Emplasto e confirma que tal medicamento seria “destinado a aliviar nossa melancólica humanidade” (ASSIS, 1998, p. 3). Brás inicia seu discurso com ar benevolente e humanitário: “Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão.” (ASSIS, 1998, p.3). Porém ao longo da passagem confirma o real intuito que não tinha o desígnio de avanço científico e na saúde, mas sim desejo de lucro e fama:

Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influenciou principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha idéia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória.” (ASSIS, 1998, p. 3).

É destacado que o discurso de Cubas altera-se frequentemente durante a narrativa a fim de demonstrar inicialmente interesse e preocupação pela sociedade, mas que se

transforma posteriormente em um discurso egoísta voltado apenas para benefício próprio. Confirma-se pela *Redução Estrutural*, que tal atitude retrata o comportamento da classe social burguesa novecentista, ao qual Brás Cubas se insere, e que ainda permanece presente em nossa sociedade:

Nossa tese, de cujo bem-fundado tentaremos convencer o leitor, vai na direção contrária: sem prejuízo do raio de ação ilimitado, e, neste sentido, universal, a volubilidade do narrador e a série dos abusos implicados retêm a feição específica, ou, para falar com Antônio Cândido, configuram a “redução estrutural” de um movimento que a circunstância histórica impunha — ou facultava, conforme o ponto de vista — à camada dominante brasileira. (SCHWARZ, 1990, p. 15.)

O livro explicita as relações coloniais de cordialidade, favor e interesse que ainda estão presentes na sociedade brasileira atual, sobretudo na classe burguesa em ascensão. O favor e interesse são mostrados no livro quando o pai de Brás deseja que ele se case com Virgília, sobretudo para conseguir um cargo de político. Brás mal conhece a jovem e pretende se casar somente com o preceito de conquistar tal emprego por indicação dos familiares da noiva, mas com sua postura totalmente volúvel o protagonista demonstra um sentimento por Virgília, dando a entender que existiria um pouco de amor, porém, mesmo após a jovem se casar com Lobo Neves, ele mantém relações com a moça, demonstrando um possível amor carregado por conveniência social e política:

— Tu; é um homem notável, faz hoje as vezes de Imperador. Demais trago contigo uma idéia, um projeto, ou... sim, digo-te tudo; trago dois projetos, um lugar de deputado e um casamento.

Meu pai disse isto com pausa, e não no mesmo tom, mas dando às palavras um jeito e disposição, cujo fim era cavá-las mais profundamente no meu espírito. A proposta, porém, desdizia tanto das minhas sensações últimas, que eu cheguei a não entendê-la bem. Meu pai não fraqueou e repetiu-a; encareceu o lugar e a noiva.

— Aceitas?

— Não entendo de política, disse eu depois de um instante; quanto à noiva... deixe-me viver como um urso, que sou.

— Mas os ursos casam-se, replicou ele.” (ASSIS, 1998, p. 25).

Outro capítulo importante na narrativa para a compreensão do processo de modernização brasileira é o capítulo denominado como “O vergalho”. Nele, Brás Cubas se depara com a cena de um dos seus antigos escravos, agora alforriado, batendo em outro negro utilizando um vergalhão. Ao se deparar com essa cena Cubas manda que Prudêncio, o vergalho, pare de bater no outro negro, que o último diz ser seu escravo. Analisando essa passagem do livro é possível notar um grau de avanço social relacionado à libertação de um escravo, que porém é acompanhado por um atraso explícito pelo fato de o alforriado possuir agora seu próprio escravo. Outra notação importante nesse capítulo é a atitude de Prudêncio

que ao ver seu antigo dono simplesmente age como se ainda fosse escravo do mesmo, pedindo a benção de Cubas, lhe tratando como nhonhô e ainda obedecendo a uma de suas ordens:

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras:

— “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!”

Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! gemia o outro.

— Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim, nhonhô.

— Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

— Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!
(ASSIS, 1998, p. 131)

Pelo processo histórico brasileiro, é possível evidenciar que a modernização abolicionista aqui no Brasil foi associada ao atraso. Pode-se considerar como exemplo a Lei Feijó, promulgada em 7 de novembro de 1831, conhecida como “Lei pra inglês ver”, aprovada devido a pressões inglesas para abolição da escravidão. Porém, embora proibisse o comércio negreiro, a lei foi praticamente ignorada por traficantes escravistas que continuavam a comercializar escravos por todo mundo, até que foi lançada uma nova lei, denominada como Lei Eusébio de Queiróz, em 1850, para dar um “ponto final” ao tráfico negreiro. Anos depois, em 1888 ocorreu no Brasil a abolição escravocrata assinada pela princesa Isabel no dia 13 do mês de março daquele ano. Apesar de parecer que após a assinatura dessa lei todos os escravos seriam libertos e poderiam construir sua vida igual às outras classes sociais não foi bem isso que aconteceu. Quando os grandes proprietários de terra alforriavam seus escravos estes iam para as cidades em busca de empregos assalariados, porém a maioria deles não conseguia e grande parte dos ex-escravos voltavam para os engenhos dos seus antigos donos e continuavam a trabalhar em condições precárias em troca de comida e moradia. Desse modo, mesmo com o decreto da Lei Áurea, a imposição burguesa sobre a classe escrava continuava marcante, como foi representada no livro com a obediência de Prudêncio para com Brás Cubas.

Nessa seara, o processo de abolição da escravidão constituía-se um avanço, porém os escravos não se viram livres porque muitos continuaram trabalhando nas fazendas sob domínio do ex- senhor e outros foram para as cidades formando uma massa de marginalizados. Marca-se assim a continuação do atraso:

Abolido o trabalho escravo, praticamente em nenhuma parte houve modificações na real significação na forma de organização da produção e mesmo na distribuição da renda. Sem embargo, havia-se eliminado uma das vigas básicas do sistema de poder formado na época colonial e que, ao perpetuar-se no século XIX, constituía um fator de entorpecimento do desenvolvimento econômico do país (FURTADO, 1974, p. 205).

O atraso brasileiro também é exteriorizado pelas gritantes diferenças sociais do país que são mostradas no livro através da figura de Dona Plácida, mulher pobre, a qual Cubas aproveitou de sua casa para se encontrar com a amante, Virgília:

– Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. E de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: — Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: — Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia. (ASSIS, 1998, p. 56).

Nessa passagem, é nítida a posição inferior na qual Dona Plácida é colocada por Brás Cubas. Brás deixa bem claro que a mulher veio ao mundo para lhe servir e que ela nunca conseguirá passar disso. E é exatamente nessa posição que Plácida se encontra ao decorrer da narrativa, a senhora é empregada de Cubas e ainda é obrigada a contribuir com seus encontros escondidos com Virgília.

Dessa maneira, com a análise da forma e do conteúdo da obra literária *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é possível compreender como a modernização brasileira se deu de forma considerada atrasada, uma vez que apesar de apresentar alguns aspectos de avanço ainda preserva relações de cordialidade que eram base da sociedade brasileira novecentista.

Considerações finais

Observa-se pela organização da obra *Memórias Póstumas de Brás-Cubas* uma dinâmica específica da sociedade brasileira do século XIX. Tal dinâmica evidencia, sobretudo a classe burguesa, criticamente representada na figura social de Brás Cubas. Essa dinâmica, marcada pela aparência, interesse e pelo sistema do favor justifica o motivo pelo qual, no Brasil, se deu uma modernização periférica marcada sempre com traços de atraso.

Desenvolveu-se no Brasil uma modernização a qual não se procura ocorrer realmente uma mudança tecnológica ou social, gerando assim um falso desenvolvimento. Busca-se somente parecer ou ocorrer superficialmente como demonstrado pelos capítulos “Bacharelome”, “O vergalho” e também na ideia do “Emplasto”. Em todas as passagens é possível perceber tal situação, seja pela criação de um medicamento, que só visava o lucro, seja na figura de um escravo “livre” mas que ainda permanece com as relações de servidão.

O sistema do favor ou relação cordial também criticado no livro, pela passagem do casamento arranjado, evidencia como o desenvolvimento está ligado a interesses e muitas vezes prestação de favores e desejos de determinado grupo, classe ou pessoa. Na figura de Brás, por exemplo, está claro que o protagonista é inapto a exercer o cargo na política, visto que o próprio fingiu que estudou e não sabia como realizar tal trabalho. Porém, Cubas recebe a proposta somente por ser o pretendente da filha de um figurão. Tal atitude atrasa o processo de modernização, pois, pela cordialidade, (prestação de favores) acaba por não se desenvolver um avanço justo, igualitário, com acesso todas as classes, mantendo ainda o estatuto colonial:

As conquistas liberais da Independência alteravam o processo político de cúpula e redefiniam as relações estrangeiras, mas chegavam ao complexo sócio-econômico gerado pela exploração colonial, que ficava intacto, como que devendo uma revolução. Noutras palavras o senhor e o escravo, o latifúndio e os dependentes, o tráfico negreiro e a monocultura de exportação permaneciam iguais, em contexto local e mundial transformado. (SCHWARZ, 1990, p. 40.)

O interesse é evidente ainda no tratamento de Brás com Dona Plácida, em que Cubas buscava somente benefício próprio, acreditando que as demais classes veio ao mundo para servi-lo. Tal exposição demonstra crítica à classe burguesa novecentista que mantém seus benefícios não por trabalho próprio, mas pelo esforço alheio. Uma classe ligada a lucros, agindo somente a seu desenvolvimento e não da sociedade como um geral.

Conclui-se que a literatura representa e se constitui como uma forma de denúncia, estudo e análise da sociedade em que esta inserida. Pela organização de *Memórias Póstumas de Brás-Cubas*, evidencia-se uma dinâmica específica da sociedade brasileira do século XIX, mas que, criticamente, permanece até os dias atuais, na modernização periférica marcada sempre com traços de atraso. Nesse aspecto, podemos, por fim, compreender a

forma composicional do romance e quanto a modernização é entrelaçado a ela, não como pano de fundo, mas como estrutura principal, fomentando a representação da realidade. O procedimento metodológico escolhido, ao aliar os estudos sobre o processo social e a estrutura romanesca e a materialidade histórica, eliminou uma possível perspectiva limitada acerca da literatura, e possibilitou entendê-la como modo de modificação da realidade.

Artigo recebido em 08/07/2016

Artigo aprovado para publicação em 28/08/2016

Referências

- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Record, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARTHES, Roland. *A análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: O Enigma do Olhar*. São Paulo: Ática, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 11ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.
- CANDIDO, Antonio. O direito a literatura. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: a formação do patronato político brasileiro*. 6ª ed. Porto Alegre: Globo, 1985.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio*. 4.ed. São Paulo: Globo, 2001.

FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

FURTADO, Celso. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Cia das letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

TOLEDO, Dionísio Oliveira de (org.) *Teoria da Literatura-formalistas russos*. 2.ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.